

O vício

Ministro do STJ conta histórias reais que mais parecem ficção sobre cotidiano dos profissionais do

Og Fernandes

03/10/2014 - 03:46



GFfotografias

ADVOGADOS | COTIDIANO | CRÔNICA | OG FERNANDES | STJ | SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA



Domingo. Lonjura do sertão de Pernambuco, nos anos 1960. Para aquele juiz jovem, ainda solteiro, nem a sua origem agrestina, já acostumado a uma vida mais lenta do interior, esmaecia as horas. Região de poucas cores, mas de muitas tonalidades, da varanda da casa do magistrado mirava-se o verde-mandacaru e o verde-aveloz, o amarelo sol da manhã e o quase vermelho pôr do mesmo sol. O dia de folga em casa parecia arrastar penosamente o tempo.

Vivia-se sem as comodidades da tevê, telefone e chuveiro elétrico. A solteirice e as inibições sociais da magistratura, ainda mais naquela região, o isolavam do mundo. O lazer miúdo

contentava-se com a leitura de poesias, o rádio, os discos na vitrola e o joguinho de buraco com alguns poucos dos quais se permitia a proximidade.

Aquele era um domingo especial. O juiz matutava como proceder com o delegado do município, um cabo de polícia violento que, na voz do povo, tempos atrás mandara escrever na entrada do xadrez a frase que era um atestado do tratamento do lugar: “aquele que entrar aqui e disser que não apanhou está mentindo”.

Não queria criar um caso com o delegado, mas não podia permitir o desrespeito aos presos nem a quebra da autoridade judicial. Descobriu que o cabo velho também gostava de um joguinho de baralho. Convidou-o para um carteadado naquele domingo. Aproveitaria o momento descontraído para orientar o delegado.

Convite feito, convite aceito. Já na primeira rodada, de mansinho, o magistrado tocou no assunto.

– Seu delegado, me disseram que os presos da cadeia estão apanhando da polícia.

Calado estava, calado ficou o policial.

– Delegado, insistiu o juiz, bater num preso não está certo. Esse costume de espancar gente já passou.

Desconfiado com o toar do assunto, o cabo fez-se de desentendido. Pegou as cartas do morto, evitou encarar o juiz e ficou-se mudo.

A lição do novel juiz seguia.

– Delegado, espero que o senhor aja conforme a lei. A violência não leva a nada. A violência contraria os direitos humanos. A violência é ...

O cabo não aguentou mais. Respirou fundo e como se penitenciasse de uma fatalidade, contra-atacou:

– É dotô. O senhor tem razão. Eu sei que devo respeitar os direitos humanos, que bater em preso é coisa feia, mas é que essa tal de violência vicia a gente...

**Og Fernandes é jornalista e ministro do Superior Tribunal de Justiça*